

sumário

Agradecimentos	9
PREFÁCIO — A fé do secular	11

PRIMEIRA PARTE

Por que as pessoas precisam de religião?

UM	A religião não está desaparecendo?	21
DOIS	A religião não se baseia na fé, e o secularismo, em evidências? ...	47

SEGUNDA PARTE

Religião é mais do que você pensa

TRÊS	Um sentido que o sofrimento não consegue tirar de você	83
QUATRO	Um contentamento que não se baseia em circunstâncias	107
CINCO	Por que não posso ser livre para viver como bem entendo, desde que não faça mal a ninguém?	131
SEIS	O problema do eu	155
SETE	Uma identidade que não esmaga você nem exclui os outros	175
OITO	Uma esperança capaz de enfrentar qualquer coisa	195
NOVE	O problema da moralidade	223
DEZ	Uma justiça que não cria novos opressores	245

TERCEIRA PARTE

O cristianismo faz sentido

ONZE	É sensato crer em Deus?	271
DOZE	É sensato crer no cristianismo?	287
EPÍLOGO	Somente em Deus	307
	Leitura complementar	315

agradecimentos

Tenho o privilégio de ter três jovens colegas de ministério que vivem na cidade de Nova York e, nos últimos anos, foram para mim importantes parceiros e consultores com quem pude conversar. Craig Ellis, Mai Hariu-Powell e Michael Keller jamais se cansam de procurar maneiras de ajudar os amigos e o próximo da nossa grande cidade a entender melhor as ofertas e as demandas dessa fé religiosa estranha (aos olhos de tantos nova-iorquinos) que é o cristianismo. Agradeço a todos eles, e a Rose Shabet, por me darem suas opiniões sobre o manuscrito deste livro e as ideias nele contidas.

Quero agradecer também àqueles que me proporcionaram lugares e espaços incríveis para trabalhar neste livro, entre eles, Ray e Gill Lane do The Fisherbeck Hotel, em Ambleside, Cumbria, no Reino Unido, e Janice Worth, na Flórida. Como sempre, sou grato a David McCormick e Brian Tart, sem cujo saber editorial e literário eu não conseguiria ter trazido este nem meus outros livros às mãos dos leitores. E, acima de tudo, agradeço a Kathy, cujo ferro afia o meu (Pv 27.17).

prefácio

A fé do secular

Sou ministro cristão em Manhattan há quase trinta anos. Nesta cidade que chamo de lar, a maioria das pessoas não é religiosa. Nem é o que se costumava chamar de “cristãos só de Páscoa e Natal”. Em vez disso, a maior parte se identificaria como alguém “sem vínculo religioso” ou “secular”.

Há pouco tempo, o *New York Times* publicou uma matéria sobre um espaço que nossa igreja abre para debates semanais com pessoas céticas sobre a existência de Deus ou de qualquer realidade sobrenatural. Segundo as regras estabelecidas para o grupo, não se pressupõe que a verdade esteja nem com alguma religião nem com o secularismo. Antes, diversas fontes são levadas em consideração — a experiência pessoal, a filosofia, a história, a sociologia, bem como textos religiosos — a fim de se comparar sistemas de crença e se pesar até que ponto eles fazem sentido quando comparados uns com os outros. A maioria dos participantes com certeza já vem para a discussão com um ponto de vista prévio e uma ponta de esperança de ver sua cosmovisão se mostrar mais consistente ao longo desse processo de avaliação. Todavia, cada um também é incentivado a se manter aberto a críticas e a se dispor a admitir falhas e problemas em seu modo de ver as coisas.¹

Depois que saiu no *New York Times*, o artigo foi objeto de discussão em vários fóruns e murais de mensagens da Internet. Não faltou quem zombasse de nosso esforço. Um comentário disse que o cristianismo “*não faz o menor*

¹Samuel G. Freedman, “Evangelists adapt to a new era, preaching the gospel to skeptics”, *New York Times*, March 16, 2016. O artigo é um bom relato do que acontece nesses debates patrocinados por nossa igreja. Eu acrescentaria que não há novidade na abordagem aqui descrita com o intuito de falar acerca da fé. Esse é o único modo que sempre conversei sobre fé com as pessoas em meus quarenta anos de ministério, e muitos de meus colegas cristãos também.

sentido no mundo real e natural em que vivemos”, portanto “não tem mérito algum [em termos racionais]”. Muitos objetaram à perspectiva de que o secularismo seja um conjunto de crenças comparável a outros sistemas. Pelo contrário, disseram eles, o secularismo faz apenas uma avaliação sensata da natureza das coisas com base em uma análise puramente racional do mundo. Segundo disseram, os religiosos tentam impor suas crenças aos outros, mas os secularistas, quando defendem as próprias ideias, só contam com fatos, e quem discorda está fechando os olhos para os fatos. O único modo de ser cristão, segundo disse outro desses participantes, é presumir que os contos de fadas da Bíblia são verdadeiros e fechar os olhos para toda e qualquer forma de razão e evidência.

Em outro fórum, os participantes não conseguiram entender por que um cético secular frequentaria um grupo como o nosso. “Alguém acha que os ‘sem religião’ [pessoas sem vínculo religioso] americanos nunca ouviram as ‘boas-novas?’”, perguntou um homem, incrédulo. “Pensam que os secularistas irão a um lugar desses para ficar ouvindo e então dizer ‘puxa, por que ninguém nunca me contou isso antes?’”. Outro ainda escreveu: “As pessoas não são ‘sem religião’ por falta de conhecer alguma religião — mas justo pelo fato de *conhecerem*”.²

Apesar disso, ao longo dos anos, participei de incontáveis grupos de discussão como esses, e as conjecturas levantadas por seus críticos são bastante equivocadas. Tanto os crentes *quanto* os não crentes em Deus chegam à posição que adotam por uma combinação de experiência, fé, raciocínio e intuição. E nesses fóruns tornou-se comum ouvir céticos me falarem: “Gostaria de ter sabido antes da existência desse tipo de crença religiosa e desse modo de pensar. Não significa necessariamente que passarei a crer agora, mas nunca me ofereceram tanto material para reflexão em torno dessas questões”.

O material deste livro é uma forma de oferecer aos leitores — em especial aqueles mais céticos, que talvez achem que falta relevância cultural às “boas-novas” — o mesmo material para reflexão. Compararemos as crenças e alegações do cristianismo com as crenças e alegações da visão secular, e questionaremos qual delas explica melhor esse mundo complexo e a experiência humana.

Antes de prosseguirmos, contudo, precisamos pausar um instante para examinar como empregaremos o termo “secular”. Hoje em dia ele é utilizado no mínimo de três maneiras.

²Disponível em: www.reddit.com/r/skeptic/comments/48zdpe/evangelists_adapt-to-a-new-era-preaching-the/, acesso em: 21 abr. 2017.

Uma delas o aplica à estrutura social e política. *Sociedade secular* é aquela em que existe separação entre religião e Estado. Nenhuma fé religiosa é privilegiada pelo governo e pelas instituições culturais com mais poder. A palavra “secular” também pode ser usada para descrever indivíduos. A *persona secular* é aquela que não sabe se existe um Deus ou qualquer esfera sobrenatural além do mundo natural. De acordo com essa concepção, para tudo existe uma explicação científica. Por fim, o termo pode descrever um tipo particular de cultura com seus temas e narrativas. Uma “*era secular*” é aquela em que toda a ênfase recai sobre o *saeculum*, sobre o aqui e o agora, sem que haja qualquer concepção daquilo que é eterno. O sentido da vida, orientação e felicidade são entendidos e buscados na prosperidade econômica, no conforto material e na realização emocional do presente.

Convém distinguir cada um desses aspectos da secularidade, pois não são idênticos. Uma sociedade pode ter um Estado secular mesmo havendo poucas pessoas de mentalidade secular no país. Outra distinção é muito comum. Indivíduos podem professar uma fé religiosa e se dizer não seculares. Todavia, na prática, a existência de Deus pode não ter impacto perceptível algum em suas decisões e conduta de vida. Isso acontece porque em uma era secular, até mesmo as pessoas religiosas tendem a escolher namorados e cônjuges, profissões e amizades e a tomar decisões financeiras sem ter outro objetivo maior do que a própria felicidade pessoal no presente. Sacrificar a paz e a riqueza pessoal em favor de causas transcendentais se torna algo raro, mesmo entre quem afirma crer em valores absolutos e na eternidade. Mesmo que você não seja uma pessoa secular, a era secular consegue “esgarçar” (secularizar) a fé até ela ser vista como apenas mais uma opção na vida — ao lado do emprego, da diversão, dos hobbies, da política — e não como uma estrutura abrangente que determina todas as escolhas da vida.³

Neste livro, empregarei o termo “secular” nas acepções segunda e terceira e farei com frequência críticas aguçadas a essas posições. No entanto, sou grande

³Essas três maneiras de empregar o termo “secular” se baseiam na análise de Charles Taylor em seu livro *A secular age* (Cambridge: Harvard University Press, 2007), p. 1-22 [edição em português: *Uma era secular*, tradução de Nélcio Schneider; Luiza Araújo (São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2010)]. A princípio, ele apresenta as duas definições mais comuns de secularidade. A primeira afirma que *sociedade secular é aquela em que o governo e as principais instituições sociais não estão atrelados a uma religião*. Em uma sociedade religiosa, todas as instituições, incluindo o governo, são baseadas em um conjunto determinado de crenças religiosas, as quais promovem. Em uma sociedade secular, as instituições e as estruturas políticas são desvinculadas de qualquer religião específica (exceto em termos históricos, mas não substanciais, como na Bretanha e nos países escandinavos). A vida e o poder políticos são compartilhados de modo igualitário entre crentes e

defensor do primeiro tipo de secularismo. Não quero que a igreja nem qualquer instituição religiosa controle o Estado, nem quero que o Estado controle a igreja. Sociedades em que o Estado adotou e promoveu uma só fé como verdadeira costumam ser opressoras. Governos têm usado a autoridade dessa “única religião verdadeira” como autorização para a violência e o imperialismo. Todavia, ironicamente, a união entre igreja e Estado acaba enfraquecendo a religião privilegiada, em vez de fortalecê-la. Quando se impõe às pessoas uma religião por meio de pressão social, em lugar de lhes permitir que a escolham livremente, com frequência elas a adotam de modo insincero ou até hipócrita. A melhor opção é que o governo não promova nem uma só fé nem uma forma doutrinária de crença secularista que denigre e marginalize a religião.

Um Estado secular de verdade daria origem a uma sociedade genuinamente pluralista e a um “supermercado de ideias” em que pessoas de todos os tipos de religião, incluindo adeptos de crenças seculares, pudessem contribuir, se comunicar, coexistir e cooperar com toda liberdade, em respeito mútuo e harmonia. Esse lugar existe? Não, ainda não. Seria um lugar em que pessoas com diferenças profundas ainda assim ouviriam com paciência e atenção antes de falar. Um lugar em que evitariam as falácias e tratariam as objeções e dúvidas umas das outras com respeito e seriedade. Haveriam de se esforçar para entender o outro lado tão bem que seus oponentes diriam: “Você representa minha posição

não crentes. A segunda definição mais comum de secularidade afirma que *sociedade secular é aquela em que muitas ou a maioria das pessoas não creem em Deus ou na existência de um domínio imaterial, transcendente*. Segundo essa definição, ser secular é ser pessoalmente sem religião, não crer na existência de uma dimensão sobrenatural da vida e do Universo. Ainda que alguns indivíduos seculares possam ser abertamente ateus ou agnósticos, outros talvez continuem a frequentar algum culto religioso e a extrair verdades morais da religião para viverem. Em última análise, contudo, acham todos os recursos de que necessitam — para encontrar sentido na vida e realização pessoal, para ter moralidade e trabalhar por justiça — em recursos puramente humanos, deste mundo. Taylor chama isso de “humanismo da autossuficiência ou exclusivo. [...] Secular é a era em que o eclipse de todos os objetivos que não o florescimento do ser humano se torna concebível” (p. 19). Até mesmo pessoas que mantêm ligação com instituições religiosas são, ainda assim, seculares se considerarem a realização na vida em termos puramente terrenos de desenvolvimento de seu pleno potencial, e rejeitarem a ideia da abnegação e da obediência a Deus a fim de alcançarem a vida eterna. A cultura adverte que a abnegação para servir a outras pessoas ou por ideais mais elevados pode ser emocionalmente nociva e um modo de colaborar com forças opressoras. Embora admita que a palavra “secular” em geral tenha um desses dois primeiros significados, Taylor oferece um terceiro. Ele considera *secular a sociedade em que as condições para crer mudaram* (p. 2-3). Nas sociedades religiosas, a fé simplesmente se presume. A religião não é algo que se escolhe, pois fazer isso seria considerado uma atitude perigosa, escandalosamente egocêntrica. Na cultura secular, contudo, a religião é vista como algo que se deve escolher, e de fato o pluralismo das sociedades seculares significa de verdade que, em última análise, sua religião é algo que você pode escolher ou abandonar. Por conseguinte, você precisa ter alguma justificativa para suas crenças, quer esses fundamentos sejam racionais, quer sejam mais intuitivos e práticos. Na cultura secular, a crença deixou de ser automática ou axiomática. Nesse sentido, diz Taylor, somos todos (na sociedade ocidental) pessoas que pertencem a uma era e a uma sociedade seculares.

melhor e de maneira mais convincente do que eu mesmo”. Reconheço que esse lugar não existe, mas espero que este livro sirva como uma pequena e imperfeita contribuição para sua criação.

Alguns anos atrás, escrevi um livro chamado *The reason for God*,⁴ o qual oferece uma argumentação, um conjunto de razões, para se crer em Deus e no cristianismo. Conquanto tenha sido um livro bastante útil para muitos, para outros não chega a voltar no tempo o suficiente. Há quem nem se dê ao trabalho de começar a análise porque, francamente, o cristianismo não lhes parece relevante o bastante para valer o esforço. “A religião não requer saltos de fé cega em uma era de ciência, razão e tecnologia?”, indagam. “Com certeza cada vez menos pessoas sentirão necessidade dela, que acabará se extinguindo”.

O presente livro começa tratando dessas objeções. Nos dois primeiros capítulos, desafiarei com veemência tanto o pressuposto de que o mundo está se tornando mais secular, quanto a crença de que pessoas seculares, sem religião, fundamentam sua concepção da vida principalmente sobre a razão. A realidade é que cada um adota a própria cosmovisão por causa de vários fatores racionais, emocionais, culturais e sociais.

Nos capítulos seguintes à primeira parte do livro, compararei e confrontarei como o cristianismo e o secularismo (com referências ocasionais a outras religiões) buscam proporcionar às pessoas sentido, satisfação, liberdade, identidade, um norte moral e esperança — coisas tão cruciais que não podemos viver sem elas. Argumentarei que o cristianismo é o que mais faz sentido do ponto de vista emocional e cultural, que ele explica essas questões da vida com maior perspicácia, e que nos proporciona recursos incomparáveis para satisfazer essas necessidades humanas inevitáveis.

The reason for God também deixou de tratar de muitas crenças formativas que nossa cultura nos impõe acerca do cristianismo, fazendo-o parecer tão implausível. Essas hipóteses não nos são explicitadas pela via da argumentação. Pelo contrário, são assimiladas por meio de histórias e temas de entretenimento e mídia social. Pressupõe-se que simplesmente retratem “como as coisas são”.⁵ Revestem-se de

⁴Edição em português: *A fé na era do ceticismo: como a razão explica Deus*, tradução de Regina Lyra (São Paulo: Vida Nova, 2015).

⁵Em *A secular age*, Charles Taylor fala de algo a que chama “imaginário social”, ou seja, “um modo de construir significado e relevância” (p. 26). É mais ou menos como o que chamaríamos de cosmovisão — um conjunto de profundas crenças formativas que moldam tudo. Mas Taylor evita o termo “cosmovisão” e, em seu lugar, usa a expressão “imaginário social” a fim de transmitir alguns aspectos importantes de como vivemos e que o termo “cosmovisão” simplesmente não abrange. Seu desejo é chegar a algo “muito mais amplo e profundo do que [...] meros esquemas intelectuais” (p. 171). Diz ele que o imaginário social abarca não só proposições

tamanha força que muitos cristãos chegam a achar, talvez em segredo a princípio, que sua fé está se tornando cada vez menos real na mente e no coração. Grande ou a maior parte do que acreditamos nesse nível é, portanto, invisível para nós *como* crença. Algumas das crenças de que tratarei aqui são estas:

- “Você não precisa acreditar em Deus para ter uma vida repleta de significado, esperança e satisfação” (caps. 3, 4 e 8).
- “Você deveria ser livre para viver como bem entende, desde que não prejudique ninguém” (cap. 5).
- “Você se encontra quando se mantém fiel a seus sonhos e desejos mais profundos” (caps. 6 e 7).

de como devemos viver, mas também “noções normativas e imagens mais profundas que fundamentam essas expectativas” (p. 171). O que isso quer dizer?

Primeiro, que o imaginário social é em grande medida inconsciente — parte dele é identificável como crenças específicas, expressas, mas outra parte, talvez a maior delas, como um iceberg, encontra-se abaixo da superfície. Muito do que molda nossa visão de mundo é chamado por Michel Foucault de “impensado” (p. 427) ou “contextual” — a “visão em grande parte não estruturada e não articulada de toda a nossa situação” (p. 173). Essas “noções normativas” mais profundas, via de regra, não são proposições defendidas de forma consciente. São mais parecidas com um “senso comum incontestado” em relação ao que é real, possível e imaginável. Por serem consideradas óbvias, não se baseiam em justificativas bem elucubradas, e quem as adota assume uma postura bastante defensiva caso essas justificativas sejam pedidas. Não nos parecem necessárias. As coisas simplesmente são assim. É literalmente impensável ou inimaginável para nós que não sejam a verdade. Discordar delas não é estar errado apenas, mas ser ridículo e ultrapassar todos os limites.

Segundo, um imaginário social é muito mais do que mera estrutura intelectual. Ele é “comunicado” não por meio de teorias, mas de “imagens, histórias [...] etc.”. É formado basicamente por meio das experiências (que por instinto interpretamos em forma narrativa) e histórias que nos contam. Ele forma, então, não só (ou talvez nem de modo preponderante) a mente, mas também a imaginação (p. 171-2). Determina o que podemos imaginar como possível e molda o que atrai a imaginação como algo bom, desejável, belo.

Terceiro, esse imaginário é “social” de duas formas complementares. É uma “compreensão implícita do espaço social” — diz respeito à maneira de vivermos uns com os outros (p. 173). Essa compreensão do espaço social contém tanto o fático quanto o normativo — “como as coisas costumam acontecer [...] entremeadas com como deveriam acontecer” (p. 172). Mas, além disso, esse imaginário é social por ser uma “compreensão *comum*”, um “senso de legitimidade amplamente compartilhado”, o que possibilita práticas comuns (p. 172). Uma das razões pelas quais é ele tão óbvio e não necessita de justificativa teórica é que “todo o mundo que conheço se sente da mesma forma”. Assim, o imaginário social é formado em comunidade — achamos mais plausíveis as crenças das pessoas com quem mais nos associamos, e especialmente das pessoas e comunidades entre as quais desejamos ser aceitos como membro.

Taylor observa, no entanto, que imaginários sociais, embora em si mesmos não sejam estruturas teóricas, com frequência começam como tais. Os imaginários sociais se transformam quando uma pequena minoria de pessoas *de fato* começa a imaginar e elaborar teorias, e depois a transmiti-las. Apresentam novas ideias, argumentam em seu favor e com essas ideias produzem arte para dar forma à imaginação. Mas “o que começa como teorias defendidas por poucas pessoas pode vir a se infiltrar no imaginário social — primeiro das elites, talvez, e depois de toda a sociedade” (p. 172). Com o tempo, a nova ideia, sobre a qual se discutiu em termos teóricos, passa a ser “a forma das coisas tida como ponto pacífico, algo óbvio demais para merecer menção” (p. 176). Em suma: o imaginário social é o “contexto de vida que se pressente”, o modo em que “compreendemos qualquer ato” (p. 174), algo que as pessoas pegam das outras em seus grupamentos sociais, com frequência sem sequer adotar de fato as crenças conscientes que o criaram.

- “Você não precisa crer em Deus para ter uma base de valores morais e direitos humanos” (caps. 9 e 10).
- “Existe pouca ou nenhuma evidência da existência de Deus ou da verdade do cristianismo” (caps. 11 e 12).

Se acha que o cristianismo não promete grande coisa quando se trata de fazer sentido para seres pensantes, então este livro foi escrito para você. Se você tem amigos ou familiares que se sentem assim (e quem não se sente desse jeito em nossa sociedade?), este livro deve ser de grande interesse tanto para você quanto para eles.

Ao fim de uma das discussões “de boas-vindas aos cétricos”, em nossa igreja, um senhor de mais idade se aproximou de mim. Estivera presente em vários de nossos encontros. “Só agora percebi que nunca examinei de verdade quais são os meus fundamentos”, disse ele, “tanto nos anos da minha juventude, quando eu frequentava a igreja, *quanto* nos anos em que tenho vivido como ateu. Tenho sido influenciado em demasia pelo que me rodeia. Não refleti sobre as coisas por mim mesmo. Obrigado por esta oportunidade”.

Minha esperança é que este livro permita que leitores, inseridos ou não no contexto da crença religiosa, façam o mesmo.

PRIMEIRA PARTE

**POR QUE AS PESSOAS
PRECISAM DE
RELIGIÃO?**



um

A religião não está desaparecendo?

Você escolheu este livro, o que mostra que tem algum interesse em saber se a crença religiosa é possível em nossos dias. Mas deve mesmo continuar lendo? Um livro sobre a relevância da religião não passaria de um gesto desesperado de defesa? A realidade maior não é que “a descrença está se alastrando”? Que a religião em geral e o cristianismo em particular são forças exauridas, em inevitável declínio? Uma porcentagem cada vez maior da população, em especial entre os *millennials*, nascidos de 1980 a 1990 e também conhecidos como geração Y, não está descobrindo que tem menos necessidade de Deus e da fé em sua vida?

Uma senhora da minha igreja trouxe um colega do mundo dos negócios para visitar um culto dominical. O homem de quase sessenta anos ficou perplexo ao ver milhares de profissionais presentes, a maioria jovem e moradores de Manhattan. Considerou proveitoso o culto, estimulante para o pensamento, emocionante até. Depois ele reconheceu para a amiga que a experiência fora inquietante. Ela quis saber o porquê. Ele respondeu: “Sempre tive a convicção de que a religião está definhando, ao menos entre pessoas instruídas e com toda certeza entre os jovens. Até sou capaz de entender os jovens adultos atraídos por coisas como concertos de rock cristão. Mas minha experiência aqui na igreja abre uma espécie de buraco nessa conjectura”.

Depois de um novo e importante estudo feito pelo Centro de Pesquisas Pew Research Center, o *Washington Post* publicou um artigo intitulado “Previsão

de que o mundo se torne mais — não menos — religioso”. Embora reconheça que nos Estados Unidos e na Europa a porcentagem de pessoas sem vínculo religioso crescerá por determinado tempo, o artigo esmiuçou as descobertas da pesquisa, a saber, que a religião como um todo passa por um crescimento constante e vigoroso no mundo. Cristãos e muçulmanos comporão um percentual crescente da população mundial, ao passo que a proporção secular encolherá. Jack Goldstone, professor de políticas públicas na George Mason University, é citado: “Os sociólogos queimaram a largada quando afirmaram que o avanço da modernização traria um aumento da secularização e da descrença. [...] Não é o que estamos vendo”, disse ele. “As pessoas [...] precisam de religião”.¹

Muitos leitores do artigo do *Washington Post* tiveram a mesma reação que nosso visitante. Consideraram inacreditáveis as descobertas do estudo. Um deles opinou: “É fácil se livrar da religião, basta instruir as pessoas acerca de outras religiões, ou mesmo lhes oferecer uma perspectiva imparcial da história da religião que qualquer um tenha aprendido na infância”.² Em outras palavras, uma vez que os níveis de educação aumentem e a modernização avance, a religião *precisa* se extinguir. De acordo com essa visão, as pessoas sentem que necessitam da religião apenas se não aprenderem ciência, história e pensamento lógico.

O estudo do Centro de Pesquisas Pew, no entanto, pôs em xeque todas essas crenças profundamente arraigadas acerca da razão pela qual as pessoas são religiosas. Não faz muito tempo, estudiosos importantes da sociedade ocidental também eram praticamente unânimes em postular que a religião passava por um inevitável declínio. Achavam que a necessidade de religião desapareceria à medida que a ciência fornecesse explicações e subsídios contra os elementos naturais de maneira mais adequada do que Deus jamais o fizera. Em 1966, John Lennon representou esse consenso ao afirmar: “O cristianismo acabará. Desaparecerá, minguará para sempre. Não preciso argumentar acerca disso; estou certo e o tempo provará que tenho razão”.³

Todavia, a previsão não se concretizou. De acordo com o que prova o estudo do Centro de Pesquisas Pew, a religião está em ascensão, e o surgimento desses “novos ateus”, mais ruidosos e beligerantes, pode na verdade ser uma reação à

¹Sarah Pulliam Bailey, “The world is expected to become more religious — not less”, *Washington Post*, April 24, 2015.

²Ibidem, disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/acts-of-faith/wp/2015/04/24/the-world-is-expected-to-become-more-religious-not-less/>, acesso em: 25 abr. 2017. Veja os comentários do leitor identificado pelo nome de “KoltirasRip Tallus”.

³Maureen Cleave, “The John Lennon I knew”, *Telegraph*, October 5, 2005, disponível em: www.telegraph.co.uk/culture/music/rockandjazzmusic/3646983/The-John-Lennon-I-knew.html, acesso em: 25 abr. 2017.